

Introdução

Esta dissertação visa produzir uma reflexão que ajude a encontrar um lugar em que possa ocorrer de maneira mais fecunda o diálogo entre as religiões cristãs e as não cristãs. Lugar que promova um profundo encontro para além de uma simples troca de idéias, conhecimento conceitual ou formulações de verdades, pela incansável busca de uma abertura que todas as religiões possuem por aquilo que as atravessa e as transcende.

Para o desenvolvimento desta dissertação, teremos a contribuição do pensamento do filósofo da religião Juan Martin Velasco¹ e do teólogo Andrés Torres Queiruga². Juan Martin Velasco nos apresenta a importância que está adquirindo no diálogo inter-religioso a dimensão espiritual e a experiência interior que comportam todas as religiões, e destaca exatamente a experiência mística como importância decisiva no diálogo. Andrés Torres Queiruga nos afirma a autêntica necessidade de um encontro com as religiões, partindo da concepção de que todas as religiões como tematização da constitutiva relação salvífica do homem com Deus são verdadeiras.

Esta confrontação nos permitirá reconhecer a plausibilidade de semelhanças entre os místicos de diferentes tradições religiosas, sem desconhecer ou relegar o que há de único e irrevogável em cada religião. E possibilitará o convívio com a diversidade, reconhecendo suas singularidades e características específicas, essenciais de cada uma em particular, bem como sua irreduzível alteridade.

Acreditamos ser importante uma mudança de atitude nas religiões e que seja compartilhada entre as tradições, porque o ser humano possui em sua consciência duas dimensões “uma superficial, que consiste em relações horizontais e outra de profundidade, que consiste em estar direcionada verticalmente para o absoluto”³.

A partilha desta mudança de atitude possibilita a integração destas duas dimensões, sem abandonar suas especificidades. Tentativas para um tempo marcado essencialmente pela convivência entre diferenças no rico pluralismo

¹ Sacerdote e professor emérito de Fenomenologia da Religião na Universidade Pontifícia de Salamanca em sua sede em Madri e na Faculdade de Teologia São Damaso. É um especialista em temas relacionados à mística.

² Sacerdote e professor de Teologia Fundamental no Instituto Teológico Compostelano, e de Filosofia da Religião na Universidade de Santiago de Compostela (Espanha). É membro da Real Academia Galega e Diretor de Encrucillada: Revista Galega de Pensamento Cristián.

³ QUEIRUGA, Andrés Torres. *O diálogo das religiões*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 59.

religioso. As religiões, por serem todas tão complexas e contraditórias, precisam umas das outras para se tornarem plenas e perceberem que o desejo que as move é comum em todas, por quererem a realização humana, bem como a vida em plenitude.

Temos como objetivo para nossa dissertação, encontrar uma base para a reflexão teológica que possibilite à fé cristã o reconhecimento positivo, justo e respeitoso da pluralidade e da diversidade religiosa, sem abandonar a identidade cristã. E para isto, a nossa metodologia nos possibilitará uma compreensão complexa e não dualista das aparentes contradições nas tradições religiosas, para um encontro e diálogo entre as diferentes verdades existentes. No entanto, pretende dar-se em um outro nível, na experiência de Deus, no qual se estabeleça uma ética capaz de corresponder aos anseios do ser humano, como condição insubstituível para sua liberdade e responsabilidade.

Para uma melhor realização do nosso objetivo, apresentaremos nossa dissertação dividida em duas partes. Na primeira, desenvolveremos dois capítulos voltados para a contextualização do nosso estudo, abordaremos tanto a questão do pluralismo religioso e da teologia quanto do fenômeno religioso e místico. E na segunda parte, também dividida em dois capítulos, apresentaremos as reflexões de Velasco e Queiruga, e em seguida, confrontaremos suas reflexões procurando apresentar um possível caminho para o diálogo inter-religioso.

Na primeira parte, no primeiro capítulo, contrapondo-se ao crescimento secular imposto pelo avanço da chamada pós-modernidade, defrontaremos-nos com o pluralismo religioso que nos convida a buscar formas de possibilitar o convívio harmonioso em nossa sociedade. Veremos que essa realidade para o cristianismo em particular, com sua atual configuração, o provoca mais do que em outra época a abrir-se para o reconhecimento das outras religiões em sua identidade. E no que diz respeito ao diálogo inter-religioso, cria condições para uma apreciação positiva das mesmas em sua pluralidade e especificidade. Veremos que esta realidade é uma oportunidade para que ocorra uma atitude de respeito e amizade entre pessoas e comunidades distintas, em um conhecimento mútuo e um recíproco enriquecimento entre as religiões.

Ainda neste primeiro capítulo, observaremos que o pluralismo religioso convoca a teologia a se conscientizar da excelência da própria palavra de Deus que se fez história. Ela é chamada a refletir as questões fundamentais que exigem

de si mesma compreender o significado da pluralidade religiosa no projeto salvífico de Deus e sua relação com o mistério de Jesus Cristo e com o cristianismo. Como compreender e interpretar a vontade salvífica universal de Deus sem negar a mediação de Jesus Cristo? Existe a possibilidade de diálogo fora do âmbito das discussões doutrinárias e fundamentais das religiões? Para refletir sobre este conflito, abordaremos os principais paradigmas em que se desdobrou a teologia no que diz respeito às religiões: o exclusivismo eclesiológico, inclusivismo cristocêntrico e o pluralismo teocêntrico .

No segundo capítulo, desta primeira parte, abordaremos o fenômeno religioso e místico. Neste capítulo, sinalizaremos a necessidade que tem cada religião de assumir por detrás e mais além das características externas, como o credo, os ritos, etc., pelas quais é reconhecida e através das quais é transmitida, a ir mais além de si mesma. O que proporcionará no diálogo inter-religioso não se deter “nas diferenças, às vezes profundas, mas confiar-se com humildade em Deus, que é maior do que o nosso coração”⁴. Dentre os níveis de encontro com suas respectivas formas de diálogo, que o cristianismo tem buscado concretizar, apontaremos a mística por alcançar o nível mais profundo, por uma “comunhão acima do nível das palavras”⁵. Neste nível, os homens e as mulheres são chamados a “compartilhar as suas experiências de oração, de contemplação, de fé e de compromisso, expressão e caminhos da busca do Absoluto”⁶. Nessa experiência do sagrado, o místico torna-se peregrino de seu próprio interior, descobre uma nova maneira de perceber o mundo: contempla-o com os olhos de Deus.

Como veremos, o fenômeno místico repousa na experiência, não como alternativa da fé, mas como experiência de fé. Aqui se destaca a atitude religiosa movida por uma atitude de fé, onde se rompe a si mesmo no desejo de transcender. Esta é uma experiência assumida pelos verdadeiros crentes das mais variadas tradições religiosas. É uma experiência que se dá por aceitar, reconhecer e acolher uma ‘Presença’ que é uma realidade em ato de revelação e comunicação, que ‘dá de si’ à pessoa, e que nunca deixa de insinuar-se para que o ser humano possa realizar-se plenamente.

⁴ DM, 35.

⁵ MERTON, Thomas. *O diário da Ásia*. Belo Horizonte: Vega, 1978. p. 248.

⁶ DM, 35.

Procuraremos delinear uma concepção de mística a partir da experiência religiosa nas religiões, na tentativa de uma compreensão mais inclusiva da realidade plural religiosa de que o outro é condição de possibilidade de viver mais profunda e radicalmente a própria fé, sem perder sua essência. E para isto, despertar a necessidade de viver com intimidade uma relação com Deus, sem medo de abrir-se ao novo, e também de aprender com o que o outro é capaz de dar. Através desta experiência, poderemos encontrar os sinais para que uma religião possa chegar a ir além de si mesma, por assimilar um Mistério sempre maior e ser o ponto de partida para um fecundo diálogo inter-religioso, por se entender que as religiões são caminhos por onde as pessoas são conduzidas a sua origem, ao que “chamamos nosso ser mais profundo, o divino em nós e em tudo o que existe”⁷.

Na segunda parte, será a oportunidade para abordarmos as reflexões de Velasco e Queiruga. No primeiro momento teremos a reflexão de Velasco, veremos que em meio a tantas experiências religiosas, esta é uma oportunidade para se desfazer de tudo que se tinha adquirido por ‘se ouvir dizer’ sobre Deus. Este é o momento para descobrir, pela própria experiência, as pegadas de sua Presença em nossa situação, aparentemente dominada pela incredulidade e tomar consciência de sua silenciosa, porém real, ativa e inconfundível presença no fundo do real, no âmago de cada ser humano. E assim, encontrar a autêntica fonte de existir da religião, nessa experiência de abertura a esta Presença, que se expressando segundo a época, cultura e educação, tem se dado de diferentes formas nas tradições religiosas.

Nessa experiência, o ser humano é provocado a um aprofundamento de si, e neste encontro consigo descobre-se no desapego que o impulsiona para o exercício da alteridade⁸. Pois a experiência mística não se fecha no encontro amoroso do fiel com Deus. Ao contrário, esta experiência tem como consequência um descentrar-se, um sair de si, para reconhecer o outro e, nesse reconhecimento, chegar ao Totalmente Outro.

No segundo momento com a contribuição de Queiruga, entenderemos que a revelação de Deus ao homem implica em um intenso encontro consigo mesmo,

⁷ MELLONI, Javier. Las religiones, más allá de sí mismas. In: MELLONI, Javier (org.). *El no-lugar del encuentro religioso*. Ed. Trotta, Madri, 2008. p. 178.

⁸ Cf. BINGEMER, M. Clara. *Alteridade e vulnerabilidade*. Experiência de Deus e pluralismo religioso no moderno em crise. São Paulo: Loyola, 1993. pp. 82-84.

que se desdobra numa maior percepção sobre a vida e numa melhor contribuição na construção da história. E que essa experiência se dá a partir da revelação acontecendo maieuticamente na história. Perceberemos que, a partir desta nova perspectiva da revelação, a experiência de Deus torna-se diferente, não mais acontecendo como um ditado divino, mas se apoiando na novidade da origem histórica e na livre iniciativa divina.

Para Queiruga, na revelação, “não se manifesta o que o homem é por si mesmo, e sim o que começa a ser por livre iniciativa divina. Não se trata de um desdobrar imanente de sua essência, mas de uma determinação realizada por Deus na história”⁹. O fiel, ao se deixar interpelar por esta Presença, apreende a profundidade de sua realidade, abre-se a uma experiência singular da revelação e se descobre no ‘próprio-ser-desde-Deus-no-mundo’. Essa é uma ação que parte sempre de Deus em direção ao homem, que quando acolhe a presença reveladora de Deus, que estava desde sempre já aí, possibilita através desse seu ato uma abertura ao seu próprio crescimento, à sua realização humana.

Finalmente, poderemos depois do que nos apresentam Velasco e Queiruga tentar responder as seguintes questões: Qual será a importância da experiência de Deus para um frutífero diálogo com as outras religiões? Como compreender a vontade salvífica e universal de Deus sem negar a mediação de Jesus Cristo? Será mesmo a experiência mística um lugar para o encontro e diálogo inter-religioso?

Enfim, nos lançaremos ao estudo desses autores na certeza de que os mesmos nos abrirão importantes e fecundas perspectivas para nossa reflexão teológica.

⁹ QUEIRUGA, A. Torres. *A revelação de Deus na realização humana*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 115.